

Editorial

Abilio Guerra
Luis Espallargas Gimenez
Mauricio Masson
Paul Meurs

tradução
Cláudia Strauch

Workshops em Maastricht

Jo Coenen com Aurelio
Galfetti, com Mario
Botta e com Bohigas e
Martorell

Workshops in Maastricht

Jo Coenen with
Aurelio Galfetti,
with Mario Botta
and with Bohigas
e Martorell



Muito se fala e muitos falam das cidades. Sociólogos, antropólogos, cineastas, artistas plásticos, filósofos, historiadores e arquitetos. No entanto, prevalece a impressão de que os arquitetos brasileiros, já faz certo tempo, perderam sua histórica e natural condição de urbanistas, de profissionais afeitos aos assuntos da cidade. Perderam, inclusive, muito de sua relevância profissional na sociedade, já que, cada vez menos, são consultados e cada vez menos, opinam.

Ao mesmo tempo que as cidades no século XX complicaram-se e atingiram índices de crescimento sem precedentes, exigindo enorme esforço em ações, parece que os arquitetos falharam com as respostas fundamentadas nas teorias modernas e foram atropelados por gigantescos interesses e incontáveis remendos, que não souberam neutralizar ou que não dominaram. Parece que a primeira premissa básica, a de um estado justo, forte e ordenador, do qual todos seriam funcionários planejadores, raramente se apresentou. Tal ausência teve reflexos desastrosos sobre a sociedade e sua cidade.

Os governos viciados num poder de favores e de pactos, desabitados ao exercício de um poder público legítimo, foram, de imediato, desconsiderados pelas demandas dos habitantes, que abandonados a sua própria sorte e às pragmáticas exigências da existência: auto construíram cidades que apesar de bastardas foram toleradas para com isso firmar um acordo velado e perpetuar as políticas mesquinhas e sua costumeira incompetência.

A cidade, que num primeiro momento, apresenta-se como resultado dos tácitos e dos explícitos acordos sociais, seria, de uma só vez, reflexo e vítima das determinações culturais. De uma cultura tão guardada e protegida que acaba escondendo seus fan-

tasmas para nunca revelar seus aspectos cruéis e grosseiros. Admitir o preconceito, o racismo e a exploração ajudaria, não apenas, a entender muito do drama urbano como a iniciar sua correção e a das próprias cidades. Valorizar com seriedade a cultura incluiria criticá-la e transformá-la nos seus aspectos menos elogiáveis.

Para isso, a mesma cidade, num segundo momento, poderia voltar a ser, ela mesma, origem de novos e melhores acordos sociais, colaborando, a partir da exigência e certeza de implementações físicas, na afirmação de seu domínio público. Daquilo que é propriedade de todos, que fica subentendido pela mesma cultura, como lapso de propriedade e autoridade, depois que toda a importância foi transferida para a esfera privada.

Caberia, então, ao arquiteto brasileiro recuperar sua função na discussão e projeto das cidades, aproveitando todas oportunidades que congressos, encontros e bienais possam oferecer; reconsiderando a formação das escolas e de seus programas curriculares; julgando e selecionando os aspectos positivos da cultura e estudando projetos que possam ensinar procedimentos de planejamento combinados com trabalhos coletivos e complementares de urbanismo. Caberia finalmente ao arquiteto pensar mais além da incumbência do projeto ou naquilo que quase sempre o ocupa, para concentrar-se na maneira como este projeto é conceituado e no valor social que ele pode adquirir.

Much is spoken of cities and many voices speak about them. Sociologists, anthropologists, movie makers, fine artists, philosophers and historians. However, the prevailing impression is that the Brazilian architects have quite long deviated from their historic and natural status as urban planners, as professionals engaged in city affairs. They have furthermore been deprived of their professional importance in society since their opinions and advice are less and less required.

While the 20th-century cities became complicated and reached unparalleled rates of growth – calling for great efforts in terms of actions – it looks as though architects have failed to provide answers based on modern theories and have been run over by gigantic interests and stopgap solutions which they have been unable to neutralize, nor to control. It seems that the first basic assumption – one of a fair, strong and ruling state, in which the entirety of those professionals would be employed as planners – has hardly ever been met. A phenomenon that caused devastating results over societies and their cities.

The governmental authorities, whose vicious political practice is characterized by favoritism, pacts and unfamiliarity with legitimate public power became at once discredited by the inhabitants whose demands they were unable to meet. Left to their own fate and to the pragmatic demands of existence, they built self-made cities and as time went by, perpetuated those same political practices and their consequent incompetence.

Cities that at first emerged as a result of tacit and explicit social understanding would become both a reflection and a victim of the cultural order. A product of such a preserved and protected culture

that they eventually hide their ghosts and never disclose their cruel and rude aspects. Acknowledging bias, racism and exploitation would help not only to understand much of the urban drama, but also to start correcting it and the cities themselves. Setting true value to culture would encompass criticizing it and changing its least praiseworthy aspects.

To this end, in a second moment that very city could once again be the source of new and better social understanding, contributing – from the demands and the certainty of physical implementation – to determine its own public realm. It could help define what common property is, which was assumed by this culture as a lapse of property and authority ever since the whole meaning was transferred to the private sphere.

Brazilian architects are therefore responsible to recover their duties in the discussions and projects for cities, taking advantage of all the opportunities that congresses, gatherings and biannual events can provide: by questioning the education and curriculum offered by architecture schools, by judging and selecting the positive aspects of culture and by researching projects that can teach planning procedures combined with collective works on urban projects. It is their task not only to think beyond the projects they have been assigned and the usual concerns within but primarily to focus on how those projects have been conceptualized and on the social value they can take.